

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

FRANCISCO NOA (Orgs.)

Memória, Cidade e Literatura



MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO
FRANCISCO NOA (Orgs.)

Memória, Cidade e Literatura:

De São Paulo de Assunção
de Loanda a *Luuanda*,
de Lourenço Marques
a Maputo



Interior da Igreja de Santo António da Polana, em Maputo.

Os mapas das cidades e as letras que as escrevem – de Luanda e de Maputo*

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

Abrindo os mapas

As literaturas africanas, particularmente aquelas que se exprimem nas línguas imperiais dos ex-colonizadores, são um fenómeno essencialmente urbano (Trigo, s.d.: 53-60) e nascem do processo de afirmação e denúncia da situação de violência e desigualdade que funda o sistema colonial. O instrumento para produzir esta literatura é, portanto, subvertido, transformando-se assim o que foi uma língua de opressão e colonização numa língua de emancipação, ao com ela se escrever a diferença cultural que iria colocar, no horizonte próximo, a independência política das nações. São, pois, projetos literários iminentemente políticos que elegem o espaço da cidade como um dos palcos da afirmação da desigualdade. A marca da desigualdade é, em primeira mão, traçada pela simples observação do funcionamento e planeamento destas cidades, levando-nos a repensar o conceito de fundação,

* Este capítulo resulta do trabalho desenvolvido no projeto *MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias*, a decorrer sob minha coordenação no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC) no quadro do Horizonte 2020, programa para a investigação e inovação da União Europeia (contrato n.º 648624). Contém dados do projeto «De São Paulo de Assunção de Loanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais», que decorreu de 2012 a 2015 no Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, sob minha coordenação e financiado pelos Fundos FEDER, Programa Operacional Factores de Competitividade e Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CLE-LLI/122229/2010-FCOM-01-0124-FEDER-019830). Uma versão anterior deste texto foi publicada em inglês em «Inequalities, in other words – literary portrayls of the cities of Luanda and Maputo», in Francisco Bethencourt (2018), *Social Inequality in the Portuguese-Speaking World – Global and Historical Perspectives*. Sussex: Sussex Academic Press, 153-178.

no sentido clássico do termo, e a preferir o conceito de formação, na senda de Antonio Cândido em relação à literatura brasileira, e de Mário António em relação à literatura angolana. Como referiu Antonio Cândido, respondendo mais uma vez à constante pergunta sobre como explicava o seu conceito de formação relativo à literatura brasileira: «formação é uma coisa que se forma» (Candido, 1981).¹ E porquê aqui ir buscar esta visão de Antonio Cândido contra uma argumentação mais clássica das literaturas fundadoras, intimamente associadas à emergência do sentimento de nacionalidade na América Latina, no século XIX? Tudo se resume a conotações coloniais e pós-coloniais.

Perante a observação das cidades de Luanda e Maputo, capitais aqui em estudo, podemos dizer que há uma cidade que é “fundada” pelos colonizadores ou pela influência da sua cultura em contato, a vários níveis desigual, com as elites e as culturas locais, cuja linha, no caso de Luanda, se traça desde 1576, e em Lourenço Marques / Maputo, desde o século XIX, e “outra” cidade que se forma à volta da primeira e até a vai cercando: a cidade dos mestiços, negros e brancos pobres – dos musseques, em Luanda, do caniço, em Maputo.

Usar a palavra “fundação” relativamente a estas cidades, como em relação às literaturas, na senda da referida definição de Antonio Candido, é perpetuar a narrativa de que antes dos europeus chegarem nada existia, e que, portanto, nesses lugares, essa foi a hora zero da história, o momento fundador. Publicado em finais dos anos 80, «*Vilas*» et «*Cidades*» *Bourgs et Villes en Afrique Lusophone*, organizado por Michel Cahen, constitui um primeiro estudo sobre o espaço urbano na África de língua portuguesa e, na época, a questão da fundação das cidades, enquanto tal, não foi objeto de grande reflexão analítica, mas antes de descrição. Mais recentemente, Elsa Peralta e Nuno Domingos, na introdução ao livro por eles organizado, *Cidades e Império: dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais*, mostram como a investigação de cariz analítico etnocêntrico relativa a estes espaços se tem vindo a fazer a partir da chegada dos europeus (Domingos e Peralta, 2013: XII). É certo que, pensando na África Austral, não haveria certamente cidades, no sentido ocidental do termo, pois, como afirma o urbanista Walter Rossa, a cidade «é uma criação da civilização ocidental, e, pelo menos no Ocidente, a civilização continua a ser impensável sem elas e sem as redes que elas formam» (Rossa, 2015: 78). Mas havia seguramente um diferente ordenamento habitado, como se pode ver nos

¹ A definição clássica da formação como «história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura» encaixa-se na ideia de uma literatura que se forma (Candido, 1981: 25).

mapas iniciais, nas primeiras descrições e nos estudos de vários historiadores sobre estes espaços pré-coloniais, estudos que hoje nos mostram a grande transformação realizada na sequência da chegada dos europeus,² fosse no território, nos modos de vida, nas sociedades, no ordenamento político. Como defende Walter Rossa, «inevitavelmente as cidades foram um dos principais instrumentos usados pelos europeus no estabelecimento dos seus sistemas coloniais, começando logo com os primeiros, o português e o espanhol, no início da primeira modernidade» (Rossa, 2015: 78). Consequentemente, os estudos produzidos sobre cidades em África são, na sua maioria, parte da grande narrativa europeia sobre estes espaços. As cidades e, em particular, as capitais aqui em análise – Luanda e Maputo – fazem parte do projeto de afirmação do poder colonial e para além do traçado urbano que lhes dá forma e as desenha – a cidade colonial e a “outra” – um outro discurso, desde cedo, as descreve – a literatura colonial e a “outra”.

Assim, a dinâmica introduzida pela implantação das cidades, no sentido ocidental do termo, nos territórios colonizados foi a de uma luta pelo território, sob a retórica da “civilização”, e de uma luta pela narrativa, que iria ganhar variadas expressões e que se tornaria visível nas literaturas que descrevem a cidade, como procurarei mostrar.

As primeiras descrições das cidades apontam os pontos geográficos estratégicos e arquitetónicos para que o leitor consiga captar a sua aparência, julgar a sua importância e confirmar o seu carácter de capitalidade. Neste aspeto – e, à semelhança do que acontece em todas as capitais do império português e da própria capital do antigo império – Luanda e Lourenço Marques/ Maputo são cidades situadas à beira mar, em que a zona marítima exerce uma função muito importante, o que se reflete numa grande presença literária. É a esta visualização estratégica da cidade, com as suas funcionalidades próprias, ligadas ao traçado e aos edifícios de uma cidade que afirma poder, com a sua fortaleza, as suas praças, os seus edifícios religiosos e administrativos, que obedece a descrição de Luanda, realizada por um militar, António Oliveira Cadornega, autor da *História Geral das Guerras Angolanas*, publicada em 1680 e onde o autor se identifica a si próprio com os dois territórios que a relação colonial une: cidadão De São Paulo de Assunção de Loanda e natural de Vila Viçosa, Portugal. Na mesma obra, encontramos vários poemas, entre os quais um, classificado como anónimo e recentemente atribuído, por Francisco Topa, a

² Cf. Henriques e Vieira (2013: 7-58). Os organizadores do volume oferecem uma vasta lista de estudos sobre o espaço africano pré-colonial, p. XIII, nota 2.

Luís Félix de Cruz³ – «Descrição da cidade de Loanda e reyno de Angola» – em que a descrição da Luanda da época deixa o risco do militar António Oliveira Cadornega para se debruçar sobre a urbanidade da cidade, a sua insalubridade, as suas ruas, as suas cores, as suas falas e as suas gentes ligadas ao tráfico de escravos e a todo o tipo de comércio mais ou menos ilícito.

Nesta turbulenta terra
almazem de pena e dor,
confuza may de temor.
Inferno em vida.
Terra de gente oprimida,
Monturo de Portugal,
por onde purga seu mal,
e sua escoria
Onde se tem por vã gloria,
a mentira e falsidade,
o roubo, a malinidade,
o interesse
Donde a justiça perece
por falta de quem a entenda,
donde para haver emenda,
uza Deos
do que uzava com os Judeos,
quando era Deos de vingança,
que com todas as três lanças
de sua ira
(*in* Marques e Ferreira, 2011: 466)

Luanda e Maputo são, portanto, cidades que se inter-relacionam pela longa presença colonial portuguesa que, em convívio desigual com outras influências, foram definindo as cidades como uma polifonia textual (Canevacci, 2004). Mas geografias, oceanos, temporalidades e passados históricos muito diversos as separaram, o que se reflete profundamente na literatura que representa e apresenta a cidade. Assim, se podemos dizer que grande parte do imaginário literário angolano se centra na cidade de Luanda, desde sempre textualmente representada e,

³ Anónimo. «Descrição da cidade de Loanda e reyno de Angola», *in* Marques e Ferreira (org.), 2001: 466. *Cf.* Topa, 2013: 122-47.

sobretudo, a partir dos anos 50 abundantemente representada, o mesmo não é válido para Lourenço Marques/ Maputo que está longe de ser o lugar central da representação literária moçambicana. Do ponto de vista de imagética de centralidade, poder e capitalidade, a literatura colonial portuguesa e a literatura moçambicana celebram a Ilha de Moçambique bem mais do que Lourenço Marques/ Maputo, capital administrativa e política relativamente recente. E são outros, também, os lugares da literatura colonial portuguesa relativa a Moçambique e os da literatura moçambicana.

Houve, portanto, temporalidades muito diversas na formação destas duas cidades e, conseqüentemente, na sua representação literária, se bem que possamos genericamente dizer que há duas formas de fundar/ construir/ formar uma cidade: pela sua prática arquitetónica e urbanística, no sentido mais lato do termo, e pelos textos de natureza muito variada que à sua volta se tecem e a justificam, e que vão desde os planos urbanísticos, legislação, cartografia, cadastros de propriedade, textos de historiografia geral e especializada, aos textos antropológicos, etnográficos, jornalísticos, políticos e aos textos literários. Estes, de uma forma particular, representam a cidade como um organismo vivo, seja através do movimento que lhe captam, das personagens que as caracterizam, dos detalhes que as descrevem com os pormenores da vegetação, das cores, do clima, mas também das vozes e das línguas que se pronunciam, dos trajetos que traçam, das estórias que se colocam nos espaços da cidade, do valor performativo que, através da literatura, certos topónimos ganham no imaginário da cidade – Kinaxixi, Sambizanga, Makulusu em Luanda; Polana, Mafalala, Ponta Vermelha em Maputo.

Seguindo os mapas

Luanda é considerada a primeira cidade construída pelos portugueses na parte continental da África atlântica. Até ao século XIX o seu desenvolvimento esteve ligado ao comércio e tráfico de escravos, e os limites urbanos definiam-se entre a Fortaleza de S. Miguel, os edifícios religiosos, a praia da baía e o mar. O mar é, como em toda a literatura portuguesa, a expressão desse poder, pelo trânsito que gera graças às boas condições do porto. E este é, do ponto de vista literário, um dos aspetos que, desde cedo, melhor descreve a oposição entre o olhar do

de Lemos e tantos outros. Já em época da Guerra de Libertação/ Guerra Colonial, será na literatura portuguesa, que faz o registo desta guerra, que encontraremos as impressões metropolitanas das cidades de Luanda e de Lourenço Marques, numa linha que continua a literatura colonial na medida em que nesta literatura apenas se olha a cidade de cimento e as relações sociais e de poder a ela inerentes; em contraponto, para as literaturas de combate moçambicana e angolana, em tempo de guerra, o local libertado não é a cidade, mas antes o mato, “o santuário dos guerrilheiros” nas palavras dos escritores portugueses da Guerra Colonial; as capitais são os espaços-símbolo do poder colonial e, portanto, o território real e simbólico a reconquistar (Ribeiro, 2004; Noa, 2002). Converte-se, assim, a cidade capital em símbolo da reconquista do território e da independência – o espaço a partir do qual se iria construir a nova nação e uma outra narrativa de uma história aparentemente comum, mas de memórias muito diferentes.

Abrindo outros mapas

Após as independências, em 1975, algumas tendências afirmam-se no tecido urbano, modificando a paisagem, constituindo de facto uma outra cidade com uma outra utilização dos espaços, outros símbolos de poder e outros conceitos de funcionalidade, como se reflete em muitos romances e poemas das literaturas angolana e moçambicana.

Num primeiro movimento impõe-se a modificação da toponímia da cidade, o que constitui uma imagem forte do fim do colonialismo pela restituição da capacidade e do poder de nomear, e pela reapropriação do território da cidade que esta condição confere. O desaparecimento de alguns símbolos do colonialismo, nomeadamente, o derrube de algumas estátuas emblemáticas – e recordo o texto de Mía Couto sobre o derrube da estátua equestre de Mouzinho da Silveira –, o início do aparecimento de estátuas ao estilo socialista, afirmando assim o poder e a soberania da nova capital, a transformação de empresas e serviços em empresas nacionalizadas, a decadência do comércio formal e das cantinas e o aparecimento das lojas do povo e das lojas francas, a vinda para a cidade de cimento dos habitantes dos subúrbios perante a partida maciça dos colonos que deixaram a cidade esvaziada, são assuntos de romances como *Crónica da Rua 513. 2* (2007), de João Paulo Borges Coelho, ou de *A Canção de Zefanías Sforza* (2010), de Luís Carlos Patraquim.

Ao longo do tempo, outros elementos vão modificando a paisagem urbana e a literatura vai dando registo da mudança: o início tímido da construção de novos bairros perante o desafio de tentar resolver o problema da habitação precária; a chegada da guerra a Luanda, com as suas marcas e as perseguições políticas que deixam a cidade em estado de sítio como aconteceu em Luanda no 27 de Maio de 1977, que constitui o argumento do romance de José Eduardo Agualusa, *Estação das Chuvas* (1996). Com a continuidade da guerra em ambos os países, dá-se a sucessiva chegada de deslocados das áreas rurais e a necessidade premente de os acomodar numa cidade que não os contemplava – esse será o mote da grande epopeia angolana que é *Rio Seco* (1999), de Manuel Rui, ou do longo percurso do protagonista *Palestra para um Morto* (2004), de Suleiman Cassamo, de Moçambique. Esta vinda para a cidade de população do interior, ora porque via na cidade o espaço de progresso e civilização, ora porque vem em fuga da guerra que assolava as suas regiões vai levar à reencenação do binómio colonial civilizado/ não civilizado pela via da oposição cidade/campo, abrindo novos espaços de desigualdade e de exclusão cidadã.

A chegada de cooperantes estrangeiros das mais diversas partes do antigo bloco socialista e de ocidentais socialistas de França, Portugal, Itália e outros países marcaram profundamente a vida destas cidades e da geração pós-independência. A sua participação no ensino, nos serviços e na vida da cidade vai ser objeto de alguns romances de uma geração já nascida na independência, como é o caso de Nelson Saúte, em Moçambique, ou de Ondjaki, em Angola. A sua presença no tempo da revolução socialista vai transparecer em vários episódios da literatura e vai ser responsável pela introdução de uma série de palavras novas no quotidiano destas cidades.⁶

Com as guerras civis a prolongarem-se, a intervenção hostil da África do Sul do *Apartheid* (como retrata Lília Momplé, em *Neighbours*, 1996), a falta de muitos bens de consumo, os cortes de eletricidade e a falta de água, vão fazendo nascer novos hábitos na população, como tão bem retratam os poemas de Nelson Saúte, «Anos 80» ou de Carlos Cardoso, «Cidade 1985», exprimindo o heroísmo de sobrevivência dos cidadãos de Maputo.

⁶ Por exemplo o «Hungria», como nos parece em *O Cronista*, de Areosa Pena, que designa os autocarros que a Hungria tinha doado a Moçambique; no caso da cooperação portuguesa, o «Ramalho Eanes», em *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui, relativo ao vinho que Portugal enviou numa época de grandes dificuldades e que corresponde ao momento político de aproximação de Portugal e das suas ex-colónias durante a primeira presidência da República do General Ramalho Eanes.

De manhã quando acordo
em Maputo
o almoço é uma esperança.
Mãe tenho fome
marido tenho bicha
e mil malárias me disputando a vontade.

De manhã quando acordo
em Maputo
o jantar é uma incerteza
o serviço uma militância política
do outro lado do sono incompleto
e o chapa-cem um regulado impiedoso
no quatro barra oitenta sem contra-argumento.

[...]

De manhã quando me percorro
em Maputo
enfio ominosamente o cérebro numa competentíssima paciência
desembainho felinamente mais uma mentira diplomática
e aguardo a lucidez companheira me leia
nas acácias em sangue
nos jacarandás estalando sob a sola epidérmica do povo
que este é ainda o eco estridente do Chai
até que Botha seja f armeiro e Mandela Presidente.
Então,
com a raiva intacta resgatada à dor
danço no coração um xigubo guerreiro
e clandestinamente soletro a utopia invicta.

À noite quando me deito
em Maputo
não preciso de rezar.
Já sou herói.
(Cardoso, 1988: 60-61)

Em Angola o hoje emblemático *Quem me dera ser onda* (1982), de Manuel Rui, é um dos grandes testemunhos ficcionais desta época. Ao mesmo tempo que capta ironicamente a linguagem criativa da revolução e a desadequação das pessoas aos

novos espaços habitacionais da cidade deixada pelos portugueses, pela conjugação de uma série de absurdos quotidianos ao longo do romance, *Quem me dera ser onda* antecipa também o trágico fim da festa.

A literatura dos anos 80 regista, portanto, este dia a dia novo que se caracteriza por uma grande esperança na construção da nova nação, ainda que permanentemente minada pelas dificuldades de subsistência, pela ação hostil da África do Sul, pelo espetro da guerra cujas consequências mais imediatas marcam também a paisagem urbana com a presença dos mutilados de guerra, como evoca Luís Carlos Patraquim no poema «Formulação da Avenida»:

Sentam-se, sob as acácias, no asfalto roto,
os mutilados com cigarros de embalar.
Nenhum som os recorta
E todos os sentidos foram amputados
(Patraquim, 1988: 300)

À presença explodida dos despojos humanos de guerra na cidade, acrescem os órfãos e deslocados de guerra, entre os quais os meninos de rua de Luanda, que Ana Paula Tavares evoca em «November without water»:

Olha-me p'ra estas crianças de vidro
cheias de água até às lágrimas
enchendo a cidade de estilhaços
procurando a vida
nos caixotes do lixo
(Tavares, 1999: 36)

Uma outra cidade se abre com a noite, com os seus lugares de música e de dança, onde se exorciza a luta quotidiana da cidade socialista. O desordenamento arquitetónico e urbanístico ou o reordenamento possível e em curso nos primeiros anos da independência, decorrente de todas estas situações, teve o seu reflexo na literatura contemporânea em obras que vão das ficções de Pepetela, Manuel Rui e Ondjaki à poesia de Ana Paula Tavares, João Melo, Lopito Feijó ou Carlos Ferreira em Angola e, em Moçambique, em autores como Mia Couto, João Paulo Borges Coelho, Ungulani Ba Ka Khosa, Suleiman Cassamo, Nelson Saúte, Aldino Muianga, Helder Faife, Eduardo White, entre outros. Todavia, a grande interrogação sobre este tempo e todos os seus tabus e fantasmas está ainda a ser feito, não apenas na

literatura, mas principalmente pelos artistas da cultura visual. Penso em particular nos trabalhos de Ângela Ferreira⁷ e Kiluanji Kia Henda, recentemente exibidos na exposição «Things Fall Apart – Red Africa», onde a herança socialista destes países é fortemente questionada como, creio, ainda não foi na literatura. Como se pode ler na brochura de apresentação da exposição:

A guerra civil que rebentou em 1975, no seguimento da independência de Angola da hegemonia de Portugal, viu o envolvimento da União Soviética, Cuba e Estados Unidos da América, entre outros, apoiando fações políticas rivais numa tentativa de ganhar influência sobre o país recém-independente. Dois trabalhos fotográficos de Kiluanji Kia Henda, que vive e trabalha em Luanda, Angola, e Lisboa, Portugal, registam vestígios do apoio cubano e soviético durante a Guerra Fria.⁸

Hoje, com a paz, o enriquecimento e a entrada do neo-liberalismo, os países e as cidades sofrem inúmeras transformações que a literatura regista ativamente, continuando assim a linha de empenhamento político que a fez nascer. Com uma população estrangeira temporariamente residente e uma burguesia local enriquecida, as transformações são evidentes. Se por um lado, assistimos à recuperação da cidade, nomeadamente das suas zonas coloniais, também se observa uma transformação radical destes espaços, registada por poetas contemporâneos com uma intensa nostalgia pela Luanda que acaba, como nos aparece no poema de Ana Paula Tavares, «Luuanda» (2005), em que máquinas devoram a cidade, ou nos poemas

⁷ Sobre o trabalho de Ângela Ferreira nesta exposição pode ler-se na brochura: «Mostradas em conjunto, as três maquetes de esculturas da artista de Lisboa Ângela Ferreira, que nasceu em Maputo, Moçambique, e cresceu na África do Sul, prestam homenagem aos workshops de cinema que o realizador e etnógrafo francês Jean Rouch instalou em Moçambique. Após a declaração de independência em 1975, Rouch e uma equipa de realizadores chegaram a Maputo em 1976 para lecionar uma série de workshops de Super 8 na Universidade Eduardo Mondlane e em diversas comunidades rurais, onde Rouch testou as suas ideias de usar os filmes Super 8 como instrumento de desenvolvimento. As fotografias que fazem parte de *Estudo para Monumento às oficinas de filme Super 8 de Jean Rouch em Moçambique (Study for Monument to Jean Rouch's Super 8 film workshops in Mozambique, 2011-2012)* foram feitas por Françoise Foucault em Moçambique, com o objetivo de documentar o processo de trabalho e os diversos locais de filmagem e exibição durante os workshops de Super 8.». Brochura da exposição, *Things Fall Apart – Red Africa*, EGEAC, de 7/12/2016 to 12/03/2017, Galeria da Avenida da Índia, Lisboa.

Consultado a 8.09.2019, em http://www.africacont.org/EXHIBITION%20GUIDE_RED_FINAL.pdf.

⁸ Ver brochura da exposição, *Things Fall Apart – Red Africa*, EGEAC, de 7/12/2016 a 12/03/2017, Galeria da Avenida da Índia, Lisboa. Consultado a 8.09.2019, em http://www.africacont.org/EXHIBITION%20GUIDE_RED_FINAL.pdf.

simultaneamente revoltados e nostálgicos de Carlos Ferreira⁹ que percorre as ruas de Luanda pelos nomes, pelos poetas, pelos homens que lutaram pela liberdade e nada encontra.

Um outro elemento crucial é a transformação dos arredores, ora em bairros de luxo, ora em novos musseques, pela expulsão da população dos antigos musseques, hoje no meio da cidade. Uma vez vazios, os terrenos são cobiçados para dar origem a novos bairros, num modelo urbano de grande segregação social que se materializa em condomínios fechados, isolados, em todos os sentidos, do resto da cidade, como tão bem retratara Pepetela em *O Desejo de Kianda* (1995) ou como se percebe em alguns poemas de João Melo, Aires de Almeida ou José Luís Mendonça.

À semelhança da linha divisória entre a cidade colonial e a cidade do musseque que Luandino Vieira registou no imaginário destas literaturas,¹⁰ separando o espaço dos europeus do espaço dos africanos, a linha que divide as cidades atuais é outra, mas tem na base a mesma marca de poder e desigualdade. E talvez como noutros tempos, é ainda na literatura que se encontra o lugar de denúncia desta desigualdade, do convívio do arcaico e do moderno, da pobreza e do novo-riquismo, da exploração e da exibição da riqueza fácil, como Pepetela denuncia veementemente em *Os Predadores* (2005), Luandino Vieira em *De Rios Velhos e Guerrilheiros – O Livro Dos Guerrilheiros* (2012), Ondjaki, em *Transparentes* (2012), e Carlos Ferreira (2011) na sua poesia.

Reveladas pela ficção e pela poesia atuais, há ainda muitas cidades invisíveis que formam estas cidades históricas e textualmente polifónicas, sempre em transformação, mas talvez o seu momento mais culturalmente descolonizador e politicamente revolucionário, no sentido nobre do termo, esteja nos projetos literários de Pepetela e de Luandino Vieira quando hoje, nas suas escritas, ainda sobre a cidade, recuperam os textos históricos de António Oliveira Cadornega, o militar português do século XVII autor de *História Geral das Guerras Angolanas* (cf. *supra*).

O facto literário de Pepetela, em *A Gloriosa Família* (1997), que historicamente se situa na época da ocupação holandesa, recuperar o texto de António Oliveira Cadornega, reescrevendo-o para identificar uma cidade, um território, e um povo em luta, e de José Luandino Vieira o parafrasear motivadamente em *De Rios Velhos*

⁹ Refiro-me a poemas como «Ao Mário António», «Na curva do Bairro Operário», «Eu do Makuluso me confesso», «Ao Viriato da Cruz» (Ferreira, 2011).

¹⁰ *Luuanda*, clandestinamente publicado em 1963 e objeto do Prémio da Associação Portuguesa de Escritores em 1965, quando o autor estava preso no Tarrafal, é o livro emblemático. Sobre isto ver José Luandino Vieira (2015) e o trabalho magistral de Tania Macêdo (2008), autora presente neste livro.

e *Guerrilheiros – O Livro dos Rios* (2006) implica um assumir de um património literário comum escrito pelo então colonizador, mas relativo àquele território que se diz Angola, Luanda e àquelas gentes que se dizem angolanas, cidadãos de Luanda. A intertextualidade gerada neste processo literário de reescrita, ao mesmo tempo que re-interroga o texto inicial, reatualiza-o num outro contexto, com outras personagens, contando outras estórias e numa outra expressão linguística do português. É, portanto, nesta cópia infiel de um modelo supostamente original evocado no texto que se joga a emancipação e se assumem as múltiplas heranças que definem Angola e, no caso que aqui me interessa, a cidade de Luanda. O movimento de reescrita é, portanto, um movimento político de conquista do território e do poder de narrar a história, tornando assim a história da cidade, desde o seu início, textualmente polifónica. Este é um movimento de re-fundação/re-formação das cidades e das suas histórias, e é, como tal, um movimento de cidadania.

Referências bibliográficas

- Cadornega, António de Oliveira (1972), *História Geral das Guerras Angolanas, 1680*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar (anotado e corrigido por José Matos Delgado).
- Cahen, Michel (ed.) (1989), «Vilas» et «cidades», *Bourgs et Villes en Afrique Lusophone*. Paris: Harmattan.
- Candido, Antonio (1981), *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1. vol. [orig. 1959].
- Canevacci, Massimo (2004), *A Cidade Polifónica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel. Tradução de Cecília Prata.
- Cardoso, Carlos (1988), «Cidade 85», in Fátima Mendonça e Nelson Saúte (org.) *Antologia da nova poesia moçambicana*. Maputo: Associação Escritores Moçambicanos.
- Coelho, João Paulo Borges (2010), *O Olho de Hertzog*. Lisboa: Caminho-Leya.
- Couto, Mia (1991), *Cronicando*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Craveirinha, José (1999), *Obra Poética*. Lisboa: Caminho.
- Dias, João Pedro Grabato (1971), *Uma meditação 21 laurentinas e dois fabulários falhados*. Lourenço Marques: Dias.
- Dias, João (1952), *Godido e outros contos*. África Nova.
- Domingos, Nuno; Peralta, Elsa (2013), *Cidade e Império: Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70.
- Faife, Hélder (2010), *Contos de fuga*. Maputo: A2 Design.

- Ferreira, Carlos M. (2011), *Causas Perdidas* (trinta anos de poesia) 1979-2009. União dos Escritores Angolanos.
- Ferreira, José da Silva Maia (1980), *Espontaneidades da minha alma – Às senhoras africanas*. Lisboa: Edições 70.
- Gonçalves, Nuno Simão (2015), «O Urbanismo da Mafalala: Origem, Evolução e Caracterização», in Margarida Calafate Ribeiro; Walter Rossa (org.), *Mafalala – Memórias e Espaços de um Lugar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 107-163.
- Henriques, Isabel Castro; Vieira, Miguel Pais (2013), «Cidades em Angola: construções coloniais e reinvenções africanas», in Nuno Domingos; Elsa Peralta, *Cidade e Império: Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 7-58.
- Knopfli, Rui (1982), *Memória consentida: 20 anos de poesia: 1959/1979*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Jacinto, António (2011), *Poesia (1961-1975)*. Vila Nova de Cerveira: NósSomos.
- Lopo, Júlio de Castro (1948), *Alguns aspectos dos musseques de Luanda*. Luanda: Editorial Angola.
- Macêdo, Tania (2008), *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora da UNESP/ Luanda: Nzila.
- Marques, Irene Guerra; Ferreira, Carlos (org.) (2001), *Entre a lua, o caos e o silêncio: a flor (antologia da poesia angolana)*. Luanda: Mayamba Editora.
- Meneses, Paula (2019), «Silenciamentos de lutas em Moçambique: os jornais *O Africano/Brado Africano* como espaços de reivindicação de cidadania», *Caligrama*, 24 (1), 11-32.
- Momplé, Lilia (1995), *Neighbours*. Maputo: AEMO.
- Noa, Francisco (2002), *Império, Mito e Miopia – Moçambique como uma invenção literária*. Lisboa: Caminho.
- Patraquim, Luís Carlos (1988), «Formulação da Avenida», in Fátima Mendonça e Nelson Saúte (orgs.), *Antologia da nova poesia moçambicana*. Maputo: Associação Escritores Moçambicanos.
- Pepetela (1997), *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos*. Lisboa: Dom Quixote.
- Ribeiro, Margarida Calafate (2004), *Uma História de Regressos – Império, Guerra Colonial, Pós-colonialismo*. Porto: Afrontamento.
- Rossa, Walter (2015), «Stone Raft, allegory on the spread of European urbanistics in Early Modern times», *Joelho*. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (6), 78-93.
- Saúte, Nelson (2012), «Anos 80», in Nelson Saúte, *Livro do Norte e outros poemas*. Maputo: Marim-bique: 105.
- Rui, Manuel (2007), *Quem me Dera Ser Onda*. Lisboa: Caminho.
- Sousa, Noémia de (2001), *Sangue Negro*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos.
- Tavares, Ana Paula (1999), *O lago da lua*. Lisboa: Caminho.
- Tavares, Ana Paula (2005), «As portas de Luanda», in Phillip Rothwell (org.), *Portuguese Literary & Cultural Studies – Remembering Angola*, 15 / 16: 37-39.

Topa, Francisco (2013), «Entre a Terra de Gente Oprimida e a Terra de Gente Tostada: Luís Félix da Cruz e Primeiro Poema Angolano», *Literatura em Debate* (programa de pós-graduação em letras da U. Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões). Rio Grande do Sul, vol. 7, n.º 13, 122-47.

Trigo, Salvato (s.d.), «Literaturas africanas de expressão portuguesa – um fenómeno de urbanismo» in *Ensaio de Literatura Comparada AfroLuso-Brasileira*. Lisboa: Veja.

Vieira, José Luandino (2006), *De Rios Velhos e Guerrilheiros – O Livro dos Rios*. Lisboa: Caminho.

– (2012), *De Rios Velhos e Guerrilheiros – O Livro Dos Guerrilheiros*. Lisboa: Caminho.

– (2008), *Luuanda*. Lisboa: Caminho [orig. 1963].

– (2015), *Papéis da Prisão – apontamentos, diário, correspondência* (org. Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva, Roberto Vecchi). Lisboa: Leya-Caminho.

Outras fontes

Things Fall Apart – Red Africa, EGEAC, de 7/12/2016 a 12/03/2017, Galeria da Avenida da Índia. Lisboa. Consultado a 8.09. 2019 em:

http://www.africacont.org/EXHIBITION%20GUIDE_RED_FINAL.pdf.

Título: MEMÓRIA, CIDADE E LITERATURA: DE SÃO PAULO DE ASSUNÇÃO DE LOANDA
A LUUANDA, DE LOURENÇO MARQUES A MAPUTO

Organizadores: Margarida Calafate Ribeiro e Francisco Noa

Autores: António Pinto Ribeiro, Francisco Noa, Margarida Calafate Ribeiro, Nazir Ahmed Can,
Nuno Simão Gonçalves, Phillip Rothwell, Rita Chaves, Roberto Vecchi, Sandra Inês Cruz,
Tania Macêdo

Produção: Nuno Simão Gonçalves

Edição e revisão: Sandra Inês Cruz

© 2019, Edições Afrontamento e Autores

Capa: Departamento gráfico | Edições Afrontamento

Imagem da capa: «O Homem-Reflexo», 2017. Soldagem com armas e metais desativados /
Gonçalo Mabunda / Cortesia da Jack Ball Gallery.

Edição: Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt

Memoirs – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias

ERC, Conselho Europeu para a Investigação (n.º 648624).

memoirs.ces.uc.pt Centro de Estudos Sociais | Universidade de Coimbra

Colégio da Graça | Rua da Sofia, n.º 136

Apartado 3087 | 3000-995 Coimbra | Portugal

T: +351 239 855 570 | F: + 351 239 855 589 | memoirs@ces.uc.pt

ISBN: 978-972-36-1791-7

Colecção: Memoirs – Filhos de Império | 3

Depósito legal: 463924/19

N.º edição: 2007

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda./Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
Comercial@companhiadasartes.pt

Dezembro de 2019

ISBN: 978-972-36-1791-7



9 789723 617917



European Commission

Horizon 2020
European Union Funding
for Research & Innovation



Universidade de
Coimbra - Arte e Cultura
Instituto de Arte e Cultura
Fundado em 1992 e reorganizado
em 2015